

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

O CRUEL E TRISTE FADO

O unico povo do mundo que canta o fado tem n'este a expressão flagrante e nitida das suas tendencias, da sua sentimentalidade e do seu entendimento; a sina, o acaso, a sorte que preside ao nosso destino, que determina as nossas acções e que explica os mais varios aspectos da nossa existencia, ou seja n'uma angustia collectiva, ou individualmente, atirando-nos com o pé direito á ventura ou com o esquerdo á desgraça, eis o que define o povo portuguez, eis o que, n'um anthropismo universal d'onde herdou ou recebeu a maioria dos seus mythos, se destaca como característica propria. E' o acaso que faz de nós ricos ou pobres; é nossa sina a felicidade ou a desventura no amor; é da sorte a fartura ou a miseria, a saude ou a molestia, a virtude

ou o crime; é sempre o fado dominando tudo, desde o Senhor D. Miguel que o batia, até ao povo a gemel-o!

O nomadismo arabe que nos ficou no sangue encontrou, em condições geographicas especiaes e em circumstancias historicas fortuitas, meios faceis de se expandir, de ser assimilado pela casta isenta d'essa herança e de se transmittir, ao deante, com crescente intensidade. Soffreado nas primeiras tentativas da constituição d'uma nacionalidade, mercê da energia e do entendimento dos primeiros monarchas, a povoarem as manchas incultas, a fazerem arrotear o solo, a fixarem a gente á terra, atrazada ia ainda a grande obra politica d'um grande ideal e já, ao rematar a primeira dynastia, um lindo principe impedia a marcha d'esse trabalho tão sabiamente encetado, mas ainda rude a proseguir e com paciencia. A inconstancia do seu coração, as suas inverosímeis correrias guerreiras e os caprichos e intrigas em que o envolvia a esposa, a cujo fardario unira o seu, irritaram por vezes o povo n'um clamor de prudencia e de juizo. Mas os primores d'uma rara destreza mascula, o seu trato amavioso e dôce, a sua bondade prodiga, attenuavam os impetos da plebe ao cahir d'uma desgraça — que o que tem de ser tem muita força.

Enraizou o precedente, e a mescla ethnica

que mandava, dirigiu a actividade governativa para as conquistas em Africa. O bom successo das primeiras aventuras fez explodir na alma portugueza o que n'ella havia de indole errante e moura, pois o captiveiro do Infante Santo, nunca liberto por falta de dinheiro, esquecera ou explicava-se: cumpria o seu fado. A pouco e pouco vae crescendo a ancia de viagem; terras novas, paisagem exotica, riqueza e dominio, tocam a ambição geral. No principio, aos mais ousados, acompanha-os, dos que ficam, a esperanza, a curiosidade e o desejo de que Deus os fadé bem; mas breve a narrativa quente das façanhas impulsiona os timidos e os prudentes e tudo quer emigrar, n'um impeto de agarenos, com a miragem do poder e da fortuna.

Entretanto a patria despovoa-se; uns são navegantes, outros acabam em guerras insensatas, que, para as promover, obrigam á venda das pratas das egrejas e, entre outros males, dizimam, ou os grandes espiritos como o infante D. Pedro, ou os homens validos que ainda restam. Porque estes já são poucos, e para a campanha e para os navios forçoso é recrutar gente mercenaria no estrangeiro.

As riquezas da India surgem com o seu deslumbramento. O espirito da aventura alastra de tal sorte, que parece pairar na terra portugueza um delirio das grandezas colle-

ctivo. Tudo quer ser marinheiro, mercador, traficante, pirata; o solo fica quasi abandonado; nem pão ha que chegue para os que ficam; nem sequer existe quem teça um vestuario; um rei mesmo, o Venturoso, manda vir estrangeiros para construirem as galés!

Mas a fonte exhaure-se; e o aventureiro que dissipára tão rapido como facil lhe fôra adquirir, por que — ai! para amanhã Deus dará — escusa de continuar errando. Como vivemos? De que dependemos? Dos vae-vens da sorte!

Chega a peste! A miseria é tragica e á terra não ha apêgo. Tudo falta, nada se sabe e, para mandar vir os necessarios lá de fóra, já não voltam os galeões e as caravellas com as especiarias do Oriente. O que tinham conduzido e que parecia jamais cessar de vir, sumira-se para sempre. E na resignação da pobreza só a lição assente fica de que esta vida é um desengano!

Com o que restava de valido ainda se emprehendeu á infausta conquista de Marrocos. Mas tudo denunciou, desde logo, mau agouro e pelos espiritos correra um como fluido de má sina e de presagio. Dias antes, na capella real, cantára-se um rimance que dizia a desditosa crueza final do ultimo rei godo; e a espada de Affonso Henriques, que D. Sebastião pedira aos frades de Santa Cruz, esque-

cera no navio! A fé na victoria oscillava na massa; a um tempo, a duvida e a esperanza de boa sorte, precipitavam o desbragamento e o goso antecipados. Diz um chronista que as mulheres, nos seus leitos, esqueciam demasiado que os maridos ainda estavam vivos n'outras plagas. E o certo é que até ellas aborreceram: em Lisboa a pederastia assumira um character epidemico! Ora os reis, como as mulheres, tambem correm o seu fado; estas lá vão dar, de queda em queda, na má vida; o monarcha epilougou a sua chimera, com a morte, na Moirama!

Ao annexar o nosso territorio, a Hespanha encontrou um povo gafo, terra inculta e, para o tempo, uma assombrosa divida publica; nem lavoura, nem industria; a fidalguia, n'uma penuria de indigentes, prostituia-se e entregava-se; só a religião esplende, fervorosa e erotica. Rei hespanhol, rei portuguez, ao povo tanto se lhe dá. Não ha mares desconhecidos a atravessar e opulencias novas a descobrir? A vêr! E' estreita a patria para um esforço com perigo mas afortunado.

Recuperada a independencia, a ruina mais cresceu com a prolongada guerra a manter por tantos annos. O povo vae, sem affeições e sem estimulos; não abandona elle Affonso vi aceitando, em substituição do malfadado, o monarcha que assassina de vez a industria nacional em Methwen?

Mas chega a noticia do oiro e das pedrarias do Brazil. Emfim! Depois da tempestade a bonança! E ahi surgem as correrias, ahi está, dominando alto e forte, o que nos legára o stracto sarraceno. O exodo realisa-se com demencia, com volupia; que a alma aventureira portugueza não é feita para o medo das febres da Terra Quente ou da desolação do Mar Coalhado! O dinheiro abunda, dissipa-se, lança-se fóra. O rei Magnanimo malbarata-o em piedade e em luxuria. E é um fado brejeiro por esses conventos fóra!

A obra de Pombal falha, como falhou a de Ericeira, a de Gusmão, a de Castello-Melhor. Desgraçadamente já é tarde para utilizar o manancial americano, creando com elle o trabalho nacional, e, derivativamente, o amor da terra, um ideal politico, uma solidariedade de povo, um orgulho de raça. O caminho do Brazil está aberto para jámais se fechar; até D. João VI a demanda, essa terra que o portuguez desejou e desejará sempre lhe deixem franca, contando que exercerá lá uma actividade que aqui não lhe acode ao infortunio — inconscientemente, no seu sangue, o fatalismo arabe como um jugo, a indole aventureira repuxando.

Tudo entre nós corre o fado, os navegadores e os lobis-homens, as bruxas e as rainhas;

e cada um de nós, chegada a tyranna morte, tem acabado o seu fadario. N'esta fé cega, que o genio e a vida portugueza explicam, a lassitude na iniciativa, a carencia de um ideal colectivo, o alheamento do povo na obra politico-economica dirigente, comprehende-se na nação entontecida de grandezas ou resignada nos desastres que só attribue ao destino. Nunca o povo portuguez se occupou das grandes revoluções na sciencia e nas artes, nunca o uniu o sentimento consciente e altruista de nacionalidade. Clamores isolados, pequenas revoltas, é nada; o scepticismo d'hoje é o de sempre. Contra o descabro da patria e na ruina propria, não reage nem combate; espontaneamente nunca reagiu nem combateu. Foi heroico por dever, se o mandavam: que quanto a si apenas pede que o deixem emigrar, sem protesto, resignado, ou a ceu aberto, ou occulto n'um porão, em saccos, em pipas, em caixões.

Portanto, o fado e o que n'elle se diz de sonho, de sombra, de amor, de ciume, de ausencia, de saudade e principalmente de conformação com o cru e negro imperio do destino, eis o que exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O fado é portuguez, é toda uma mentalidade, é toda uma Historia. Na nossa tradição raro se surprehendem ou descobrem manifestações cerebraes que não

se filiem no animismo ou nos cultos polytheistas e idolatricos d'outros povos. A zoolatria, a phylolatria, o phallismo até, as qualidades e vontades humanas attribuidas a objectos reaes ou a ficções, como a vida ás coisas e os sentimentos aos animaes, nada é nosso. Os themas fundamentaes da lyrica popular, quando decalcados na mythologia e ainda se se occupam de sentimentos triviaes, denunciam, com frequencia, recursos de expressão e harmonia e belleza de rythmo; mas ou se encontram parallellos na terra estranha de raça affim, ou se desvenda a via transmissora. No nosso romanceiro nada ha cujo thema não seja celtico, romano ou universal. Se a genése do romance peninsular está por conhecer, teem já averiguado folkloristas e philologos, que os que cá cantamos nos chegaram pelos cruzados, romeiros ou jograes. Remodelações, apenas, adaptações; nem um, privativo e patrio!

A poesia epico-lyrica portugueza, para os que a estudaram n'um fim de manifestação espontanea e typica d'este povo, preoccupa-os hoje pela feição dialectal da linguagem!

Portugal tem pois e apenas, de genuinamente seu, o fado: o fado para a folia, para o amor, para a amargura e até para a morte, em choradinho, z'i á beira do sepulchro! N'um mesmo schema metrico, de norte a sul, d'antes, hoje e sempre, o povo enquadra todas as

suas ideias e sentimentos, todos os factos, n'essa melopeia derrancada que só pôde gestar-se n'um paiz que nunca foi mais que uma ruína, raro com lampejos d'uma opulencia fruste. Ignez de Castro e a Severa, o bem e o mal, o rosto da lua e as vozes do echo, além-tumulo e a redempção, a paixão, a desdita, o ciume, a vingança, até o *Pobre Portugal*, tudo se canta n'um mesmo rythmo, n'uma musica de pequenas variantes, alanceada, gemebunda, irreparavel.

Não decidiu o povo a sorte do rei de hoje por, a quando a coroação, a bandeira que pendia do alto de S. Domingos ter a corôa para baixo e o sceptro ficar na camara, esquecido! Sempre o cruel e triste fado, actuando, determinando, explicando. Quantos motivos para esses bardos sombrios se soubessem a historia da bella infanta Beringella, que casando com Wlademario, levou do seu paiz para a Silandia, com a herança paterna de Sancho, o Povoador, a triste sorte de ficar na Dinamarca como o symbolo da maldade! Cantaram-a alli os troveiros ha sete seculos, cantam mesmo hoje a desgraçada, cuja belleza, espantando ainda a insensibilidade hirta dos frios anatomistas pela incomparavel proporção e conformação dos seus despojos, não atenuou o mau fado que de cá a perseguira!

O criterio geral da sorte do paiz, a cujo go-

verno o povo nunca deixará de ser alheio, é o do fado que correm os lobis-homens, á meia-noite, nas terças e sextas-feiras, olheirentos, chupados, vagabundos, funereos: sete adros, sete encruzilhadas, sete rios, sete villas acastelladas, sete valles e sete outeiros. Uma e outra são coisas complicadas e penosas para interpretar fóra do mau olhado e da crueldade irremediavel do fadario.

Hontem, alli na rua, passavam homens harpejando, macillentos, queixa de peito, olho em alvo, grenha ao vento, p'r'o pagode. Um cantava:

Se vires a mulher perdida
Não a trates com desdem,
Porque Deus tambem castiga,
Não diz quando nem a quem.

conhecido mote d'um fado typico, com todo o temperamento d'um povo lá dentro, immundo, vadio, hypocrita, malandro. Miseria social, miseria organica, melopeia sem encanto, sem elevação, sem frescura, sem ingenuidade, modismo de desespero, de conformação, de penitencia e de perdão, attitude e marcha, emprego da vida e ideal, tudo dá, ao contemplar d'estes grupos, uma noção:

— E' a patria que passa!

INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA	5
I. A tatuagem em Portugal.	11
II. Ensino tecnico.	21
III. Passeios geologicos.	31
IV. O Bragança.	39
V. O bicho da seda.	49
VI. Antiguidades nacionaes.	59
VII. As Maias.	75
VIII. Um curso livre.	87
IX. Flora extincta.	99
X. O S. João.	109
XI. Livros d'aula.	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia.	135
XIII. Os marmores de Vimioso.	145
XIV. Os ciganos de Portugal.	155
XV. As dunas.	167
XVI. O principe de Monaco.	179
XVII. As ostras.	189
XVIII. O museu da Restauração.	201
XIX. Carvão e ferro.	213
XX. A piscicultura em Portugal.	225
XXI. O Natal.	239
XXII. O vinho.	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional.	261
XXIV. Ir p'r'os estudos.	271
XXV. As abelhas.	283
XXVI. O cruel e triste fado.	293

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

Silva Pinto		Guilomar Torrezão	
De palanque, annotações à vida portugueza con- temporanea, 1 vol.	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol.	500	Abbate de Prevost	
Os jesuitas, 1 vol.	200	Manon Lescaut, 1 vol.	500
A' hora da lucta.	400	Bernardim Ribeiro	
Alfredo Mesquita		Menina e moça, 1 vol.	500
De cara alegre.	500	Bernardin de Saint-Pierre	
Teixeira Bastos		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol.	700	Casimiro d'Abreu	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol.	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol.	700	Renan	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol.	600
Interesses nacionaes, a sa- hir do prelo.		Apostolos, 1 vol.	600
Julio Brandão		José P. Sampaio (Bruno)	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
Theophilo Braga		João Chagas	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diario d'um condemnado politico, 1 vol.	500
Camões e o sentimentalis- mo nacional, 1 vol.	600	João Barreira	
Modernas ideias da litte- ratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho na- cional com um <i>fusain</i> de Cellini.	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	Luiz de Magalhães	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura por- tugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol.	700	Arnaldo Gama	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol.	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol.	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .	2\$000	Alexandre Dumas	
em papel de linho.	3\$000	A dama das camelias, 1 v.	400
		Ramalho Ortigão	
		John Bull, 1 vol.	600